

TORCIDAS JOVENS: ENTRE A FESTA E A BRIGA¹

Rosana da Câmara Teixeira.

Doutora em Antropologia (PPGSA-UFRJ)

Prof^a da Faculdade de Educação/UFF

“Inesquecível foi a briga na Praça Saens Pena. Uma briga com integrantes da torcida do Vasco, eles trabalhavam na CUT, né? Aí nós fizemos um pacto, eu e alguns falecidos amigos que infelizmente não estão aqui. Nesse dia estava tendo um jogo do Flamengo e Argentina, de Júniores no Maracanã, então esses integrantes da torcida, eles trabalhavam na CUT e estavam fazendo panfletagem, fazendo umas colagens, negócio de chapa. Aí o que acontece, eles foram trabalhar já na intenção de fazer alguma maldade, porque eles foram armados. Então naquele dia nós tínhamos feito um pacto, ninguém corre, e a pancadaria rolou, eles dando tiro e ninguém correndo. Três nossos foram baleados, aí pegamos gente deles e assim foi. Agora, em termos de alegria, foi o título, o título mundial”.

Introdução

As torcidas jovens cariocas² surgiram entre o final dos anos 60 e o início dos anos 70³ encontrando-se entre as mais importantes de seus clubes seja em número de participantes, seja pela visibilidade obtida junto à mídia. As imagens e as interpretações veiculadas nos meios de comunicação enfatizam a transgressão e a agressividade deliberada como características centrais desses agrupamentos⁴. Logo, quando se afirma que estas torcidas são “violentas”, o que está suposto é que elas promovem a “desordem”,

¹ Publicado em **Antropolítica**. Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. Universidade Federal Fluminense. N.10/11. Niterói, Eduff, 1^o/2^o semestres 2001. Pág. 85-104.

² As argumentações presentes neste artigo estão desenvolvidas na dissertação de mestrado “Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1998.

³ Historicamente, a Torcida Jovem do Flamengo foi o primeiro agrupamento deste tipo a se constituir em 6/12/1967, seguida pela Torcida Jovem do Botafogo (9/9/1969), pela Força Jovem do Vasco (criada em 1969, mas oficialmente fundada em 12/2/1970) e pela Young Flu do Fluminense (12/12/1970).

⁴ Certamente, o material jornalístico não é neutro. Todavia, isso não significa que seja deliberadamente falseado. De acordo com Alvim & Paim (2000) trata-se de uma versão possível: “o primeiro ensinamento para a utilização do jornal como fonte de pesquisa é não tomar suas matérias como ‘a’ verdade, e sim como formas de abordagem, representações da realidade cujas diferenças só ficam claras durante o processo de análise” (p.17).

“intimidam”, praticam atos de “delinqüência e “vandalismo”, ferindo-se fisicamente, envolvendo e prejudicando outras pessoas⁵.

Investigando as características deste tipo de sociabilidade, busco ir além do rótulo de “violentas”, analisando as interpretações daqueles que vivenciam esta experiência social. O que estou sugerindo é que haja algo além da “briga pela briga”. Nesse sentido, o objetivo do presente texto é, não simplesmente fazer o jogo inverso, ou seja, negar que a rivalidade e o conflito sejam elementos presentes em suas ações, mas qualificá-los, procurando entender como são apropriados e reinterpretados pelos torcedores, refletindo sobre as condições sociais em que produzem sua experiência.

Os perigos da paixão

Uma lição que se pode aprender ao estudar o padrão de conduta característico das torcidas organizadas é que o futebol tanto pode significar conagraçamento como discórdia.

DaMatta (1994) já observou que o futebol ritualiza a competição, reafirmando ou estabelecendo os piores, os melhores, os ganhadores e os perdedores. Aqui, o conflito é programado por normas conhecidas, não apenas pelos que disputam como pelos espectadores.

Contudo, do ponto de vista do tipo de sociabilidade juvenil, experimentada por estas associações, não parece exagero afirmar que, em alguns momentos, o futebol se torna mais

⁵ Note-se que no Rio de Janeiro, as torcidas organizadas são associadas ao narcotráfico, ao crime organizado e aos bailes *funk* como informam os trechos que se seguem:

“A guerra entre torcidas é uma das mais novas faces do narcotráfico no Rio de Janeiro”(JB, 30/10/94); “Nos bailes *funk* a bagunça se transforma em exercício irracional de violência, com o financiamento dos traficantes e bicheiros, que deles se aproveitam para expandir essas áreas de influência. As torcidas organizadas fazem parte deste esquema brutalizante” (JB,23/8/95).

um veículo de manifestação de antagonismos - constituindo-se em um verdadeiro canal de expressão de insatisfações - , do que uma vivência de celebração ou união.

Assim, a relação entre as torcidas equilibra-se tensamente entre a competição ritualizada e o confronto direto e sua ação, no estádio, oscila entre a festa e o conflito, o encontro e a separação, a igualdade e a diferença.

Parafraseando Geertz (1978, p.283) ao destacar que em Bali é apenas na aparência que os galos brigam, “na verdade são os homens que se defrontam”, do mesmo modo, no futebol, é apenas na aparência que times de futebol disputam. Considerando a identificação dos torcedores com os clubes, o que temos no estádio é a oposição e o confronto entre eles.

Sem negar a dimensão simbólica dos embates dramatizados pelos torcedores nos estádios, não se pode subestimar que o uso da violência física é sempre uma possibilidade que norteia o padrão de relacionamento desses agrupamentos. Trata-se de um traço bastante recorrente, através do qual, um jogo de futebol é, de certa maneira, como “brincar com fogo”, quando as hostilidades são incitadas a tal ponto que saem do controle, trazendo consigo o risco e o perigo da agressão aberta e direta. E aqui, diferentemente do que ocorre em Bali, onde a briga só é verdadeiramente real para os galos - já que “não mata ninguém” - (GEERTZ, op.cit., p.311), ela é, não somente uma categoria central da linguagem dessas organizações, mas um comportamento possível e, muitas vezes, frequente.

O caráter violento dessas associações vem sendo largamente enfatizado na mídia escrita e televisiva, desde meados da década de 80, contribuindo para que se arme uma grande polêmica acerca da legitimidade ou não das mesmas⁶. Todavia, segundo os meios de

⁶ Ao longo da década de 80 e início dos anos 90, a cada novo confronto o debate é recolocado. Os jornais divulgam uma espécie de “cronologia da violência”, ressaltando que a impunidade estimula cada vez mais a ação destes grupos. Analisando esta cronologia, é possível perceber que os conflitos tendem a se intensificar em determinados períodos.

comunicação, tal violência apresenta, nos anos 90, níveis cada vez mais dramáticos, não observados anteriormente no futebol - esporte que se caracterizaria num certo sentido, por uma espécie de “ideologia da harmonia” que prezaria a “não violência, o acatamento das decisões dos juízes, dirigentes, técnicos, o bom relacionamento entre os atletas” (FLORES, 1982:51).

Entendidas como espaço de transgressão, elas foram denunciadas como um “mal”, “antro de vandalismo”, *locus* privilegiado de desmedida violência juvenil, mantidas e manipuladas pelos dirigentes dos clubes. Encaradas como algo fora da ordem, do qual se perdeu o controle, estas organizações são temidas, entre outras coisas, pela crença que se tem no seu poder de contaminação, ou seja, elas seriam ameaçadoras por sua capacidade de inspirar e influenciar atos inconseqüentes⁷.

É neste contexto que as torcidas são percebidas, ora como “um problema social”, ora como “um caso de polícia”, sem que estas duas visões sejam necessariamente excludentes. Na medida em que este tipo de violência é considerado uma patologia que deve ser combatida, o remédio proposto para contê-lo, passa, invariavelmente, pela repressão das autoridades, seja sobre seus líderes, seja sobre os próprios torcedores envolvidos⁸.

Note-se que o confronto entre as torcidas organizadas não é tão recente quanto possa parecer, muito embora ele se apresente mais especializado e radical, em virtude do

⁷ O mais recente alvo desta polêmica foi o episódio ocorrido no Estádio do Pacaembu, em agosto de 1995 desencadeando uma das maiores campanhas contra as torcidas organizadas. Um confronto envolvendo torcedores das torcidas organizadas Mancha Verde do Palmeiras e Tricolor Independente do São Paulo, por ocasião da final da Supercopa de Juniores, resultou num total de 102 feridos e na morte de um rapaz após 9 dias em coma.

⁸ DaMatta (1993:176) destaca que o estudo da violência no Brasil é sempre realizado por lentes normativas: “Quando falamos destes temas, sempre produzimos um discurso organicista e formalizante que freqüentemente só admite o contra ou a favor (ou o legal ou o ilegal) rejeitando qualquer atitude que primeiro questione a natureza do fenômeno em suas linhas mais gerais, como ensina a postura comparativa dos estudos sociais”.

uso, não apenas de paus e pedras, mas de morteiros, bombas caseiras e, sobretudo, de armas de fogo⁹.

Para se compreender a especialização desta violência faz-se necessário refletir sobre as diferentes dimensões que esta assume no próprio corpo social, expressando conflitos aí existentes ou latentes. Tudo isto conduz a seguinte reflexão: por que os torcedores organizados são vistos como fonte de desordem e perigo? Isto se relacionaria ao fato de seu comportamento ser diagnosticado como anti-social, expressando uma condição marginal, na medida em que o conflito é uma dimensão constitutiva de suas práticas? Classificados (melhor talvez seja dizer acusados) como desviantes¹⁰, em relação ao torcedor comum, tido como autêntico¹¹, a proximidade de suas práticas com o perigo torna-os de certo modo dotados de algum poder¹².

Do ponto de vista do senso comum, eles são perigosos por desempenharem papéis ambíguos, de torcedores e de vândalos, manifestando respectivamente paixão e ódio, sentimentos tidos como opostos. Os títulos das notícias reforçam esta dimensão¹³, ao

⁹ Alguns trabalhos antropológicos já ressaltaram que a rivalidade e o conflito são aspectos centrais nestas associações, garantindo-lhes visibilidade na mídia, pelo menos desde a década de 70, quando assumem um caráter mais hierarquizado. Podem ser destacados os estudos de Flores (1982), Lever (1983), Toledo (1996), entre outros.

¹⁰ De acordo com Becker (1977:60), o desvio não é uma qualidade do ato de quem o comete, “mas uma consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um “transgressor”. O desviante é alguém a quem o rótulo foi aplicado com sucesso; comportamento desviante é o comportamento que as pessoas rotulam como tal”. Para estudar o comportamento assim classificado é preciso atentar para o fato de que “as perspectivas das pessoas que se engajam no comportamento são provavelmente diferentes daquelas das pessoas que o condenam” (p.66).

¹¹ Conforme assinala Velho (1987:62) “a idéia de autenticidade liga-se à naturalidade e à normalidade. Autêntico é o natural e o que não é natural pode ser estranho, artificial, alienado, doente, etc”.

¹² De acordo com Douglas (op.cit., p.115), o impuro é o que não está no seu lugar, é aquilo que não deve ser incluído caso se queira manter esta ou aquela ordem. “Quem diz ordem diz restrição, seleção dos materiais disponíveis, utilização de um conjunto limitado de todas as relações possíveis. Ao invés, a desordem é, por implicação, ilimitada; não exprime nenhum arranjo, mas é capaz de gerá-lo indefinidamente. É por isto que aspirando à criação da ordem, não condenamos pura e simplesmente a desordem. Admitimos que esta destrói os arranjos existentes; mas também que tem potencialidades. A desordem é pois, ao mesmo tempo, símbolo de perigo e de poder”.

¹³ Alguns exemplos são: “Os sócios da morte” (JB, 22/10/94); “Flagelo no futebol” (JB, 27/10/94); “A torcida da morte” (O Estado de São Paulo, 22/8/95); “Animais”(O Dia, 22/8/95).

atribuir-lhes certos poderes incontrolados como promover a desordem, o caos e a morte, tornando um jogo de futebol um espetáculo de pancadaria, sangue, destruição, intolerância. Na medida em que desorganizam uma ordem natural são anti-sociais, nocivos à vida social e, portanto, moralmente condenáveis (VELHO, 1987).

Ao explicitarem uma dimensão de perigo, impureza e desvio as torcidas são objeto de uma valorização negativa na imprensa. Assim considerando, vale indagar, como a desordem no comportamento que lhes é atribuída, é “lida” pelos torcedores organizados? Como se posicionam frente às denúncias e às polêmicas que, periodicamente, irrompem nos meios de comunicação?

A seguir, procuro explorar essas questões sob a lente dos torcedores organizados: sua fala, suas ações e interpretações.

Torcer e brigar. Qual é a filosofia?

Partindo dos depoimentos, depreende-se, num primeiro momento, que os torcedores caracterizam os desentendimentos e as brigas daí decorrentes, como algo que faz parte das relações humanas em geral e do futebol, em particular:

“Em qualquer lugar, qualquer profissão, até na sua própria casa, com tua família, há divergências, né? Essas divergências se tornam violentas. Por que não vão existir divergências no futebol, em que existem várias facções, vários estilos diferentes lutando pelo mesmo objetivo comum? Se na própria vida, na própria concorrência de trabalho, empresas querendo prevalecer interesses, existem divergências, existem até assassinatos, né? Investigação de pessoas infiltradas em outras empresas para conseguirem interesses e condições que favoreçam seus interesses. Existe esse tipo de divergência em torcida organizada, é normal isso, entendeu? No colégio, você tem inimigos, né? Na tua própria sala, turma. Aqui também existe isso, se isso existe, ideologias diferentes no futebol, vai existir sempre desavenças, isso não é só em termos de Brasil não, isso é termos gerais, o mundo todo. Você pode ver que na Europa as conseqüências são até piores. Aqui não são tão agressivos, né?”

A posição assumida frente à briga, a concepção que se tem sobre ela, faz parte do que os torcedores denominaram de filosofia da torcida. Esta diz respeito ao conjunto de princípios e objetivos que norteiam sua ação. O fato de que nem todas as torcidas têm a mesma forma de pensar, expõe a existência de divergências entre elas. Neste sentido, afirmam que têm torcidas cuja filosofia é torcer pelo time, enquanto outras têm a filosofia de briga, dissociando-as num primeiro momento:

“A filosofia é torcer, amor pelo nosso time, nós temos um lema, sempre aonde o Botafogo estiver, aonde o Botafogo estiver, a gente manda um componente, nem que seja um, a gente manda, entendeu? Em qualquer lugar, temos a obrigação de ir, porque o nosso lema é esse”.

A despeito de reconhecerem que a briga não é algo estranho ao universo das organizadas, note-se que ela é tratada como consequência e não motivo da ação. Quando a filosofia é de briga, há o incentivo à luta, vai-se ao estádio predisposto a “bater”, “a arrumar confusão”. No entanto, nenhum dos torcedores assumiu este conteúdo como determinante de sua conduta; trata-se muito mais de uma resposta a uma provocação ou a uma situação da qual não se pode, ou melhor, não se deve fugir. Pode-se evitar a briga, fugir dela nem pensar.

“A gente também não pode só apanhar. Um lado tem que reagir ao outro, tem que se impor também”.

“Vai para torcer, lógico, primeiro vai para torcer. Agora, se a briga ocorrer vai ser uma consequência”.

As brigas, longe de serem ações espontâneas, resultado da intolerância pura e simples entre torcedores, obedece a certos padrões de relacionamento. Se o enfrentamento é

sempre percebido como inevitável ao se encontrarem torcidas rivais, torna-se algo isolado quando se defrontam torcidas “amigas” ou “irmãs”.

Com relação a esse aspecto, vale refletir sobre a lógica das coalizões que se formam. Que possíveis significados assumem as alianças estabelecidas? Qual sua extensão, seu limite? O que torna uma torcida “amiga”? A quem se reserva a hostilidade? Por quê?

Para melhor compreender o lugar ocupado pela briga no imaginário do torcedor, faz-se necessário desconstruir a trama que sustenta estes acordos, bem como as oposições.

Apresento, assim, em linhas gerais, a rede de relações que as torcidas jovens cariocas elaboraram entre si e com as torcidas de outros estados, em virtude de suas amizades ou inimizades¹⁴.

Amigos ou rivais? Tramas que sustentam o circuito de reciprocidade entre as torcidas jovens

Uma torcida amiga é aquela pela qual se tem respeito, uma relação sem conflitos, em que prevalece o entendimento ou, pelo menos, a disposição para tal. Segundo os entrevistados, em geral, os acordos se devem aos contatos entre presidentes, diretores e até mesmo entre componentes. Algumas torcidas chegam a empregar a denominação de “irmã” ou “co-irmã” para designarem algumas de suas ligações. Isso revela a existência de diferentes níveis ou modalidades de comprometimento e lealdade. Identificar-se com as

¹⁴ Creio que tais formulações podem ser, generalizadas, em alguma medida, para torcidas organizadas de outros estados já que o padrão que estabelecem obedecem a certos pontos comuns, como já demonstrou Toledo (1996) ao analisar as torcidas paulistas. Vale lembrar ainda que, alguns trabalhos a respeito do mundo *funk* carioca (CECHETO, 1997; SOUTO, 1997) vêm assinalando a existência de sistemas de aliança e rivalidade entre as galeras que freqüentam os bailes. Resguardadas as especificidades destes fenômenos, é possível considerar que eventualmente se encontrem certos elementos comuns, se pensarmos que tanto os torcedores organizados quanto os *funkeiros* elaboram suas percepções e práticas num espaço urbano multifacetado, marcado por contradições e desigualdades sociais cada vez mais acentuadas.

cores de uma torcida¹⁵, com as idéias, ter respeito por seus diretores, não entrar em confronto, não significa necessariamente torcer ao seu lado contra um oponente comum, ou, no caso de torcidas de outros estados, recebê-las, acompanhá-las ou ficar com elas durante um jogo.

Uma torcida com a qual se mantém relações recíprocas de lealdade, solidariedade e retribuição de favores torna-se um “parente”, deixando de ser um inimigo em potencial. Convertidas em “irmãs”, estabelece-se entre as torcidas uma espécie de “parentesco por ficção”. Esta idéia é sugerida por Evans Pritchard (1978:193), quando afirma que “ou uma pessoa é um parente de fato ou por ficção, ou é uma pessoa com a qual não se mantém obrigações recíprocas”. Sob o padrão do parentesco, é esperado que as partes envolvidas ajudem-se mutuamente, cooperando em certas situações, ou seja, é instituído um círculo de solidariedade. Deste modo, longe de ser produto da mera casualidade, estas relações obedecem a certos arranjos “que se sobrepõem em termos de prestígio, reciprocidade, conflitos, territorialização” (TOLEDO, 1996:99).

Uma pista que sugere de que modo os acordos foram se estabelecendo no Rio de Janeiro, está no fato do Flamengo ser tido como o grande adversário. As redes de apoio se formam, exatamente, a partir deste oponente comum:

“O principal rival para todo mundo é o Flamengo, com certeza, sem dúvida. Clube e torcida. Olha, eu acho o seguinte, vale aquele ditado, “o Fla é o mais querido”, mas também é o mais odiado. Quem não é Flamengo não gosta do Flamengo. Difícilmente você vai ver alguém que fale: “não sou Flamengo, mas tenho simpatia pelo clube”.

“Eu acredito que isso deve ter ficado mais forte depois da época do Zico, que foi uma fase que o Flamengo ganhou tudo, né? Foi campeão Brasileiro, da Libertadores, foi campeão Mundial, ganhou tudo que podia ganhar a nível brasileiro e mundial. Então era uma porrada atrás da outra, “é o maior”, “é o melhor”. Os flamenguistas caíram na pele dos outros e quem não gostava passou a ter ódio. Então é aquela história: eu não quero

¹⁵ Nem sempre ter as mesmas cores é fonte de identificação entre as torcidas conforme demonstra Toledo (op.cit.).

nem que o Botafogo ganhe, meu time está mal, vou torcer contra o Flamengo, já que o meu não tem chance de ganhar que ganhe o Vasco, o Fluminense, o Madureira, mas não quero que o Flamengo ganhe. Vencer o Flamengo é a glória”.

A oposição ao Flamengo é citada como um poderoso elemento que aproxima e distancia as torcidas, estimulando coalizões, especialmente entre as alvinegras, como a Força Jovem do Vasco e a Torcida Jovem do Botafogo. A Young Flu, também mantém com estas, um relação de respeito em que os enfrentamentos são raros, mas sem se caracterizarem como “amigas”. De acordo com um membro da Força Jovem do Vasco:

“Amizade assim... a gente tem respeito, a gente mantém uma relação legal assim com a torcida do Botafogo, mas não é assim a amizade que a gente tem com o Palmeiras, tipo assim, um Vasco e Palmeiras, eles vêm para ficar com a gente. Agora, num Vasco e Flamengo, não vai um cara com a bandeira do Botafogo torcer pelo Vasco. Não chega a esse ponto, é diferente. A gente tem respeito, a gente não briga, não tem problema nenhum. Fluminense também não tem, não é tanto como o Botafogo, o Botafogo é mais próximo, mas o Fluminense a gente não tem tido muito problema, não tem muita rivalidade. O maior problema é a torcida do Flamengo...para todos...eles brigam entre si...”.

Entre as torcidas rubro-negras, a Raça Rubro-Negra e a Torcida Jovem do Flamengo - as maiores de seus clubes - são apontadas como as grandes rivais. Os torcedores da FlaJovem admitem que não há amizade com torcidas cariocas e manifestam um certo orgulho por isso:

“Eu não tenho amizade com nenhuma torcida, se alguém vier fazer amizade comigo, eu faço, também não sou nenhum ignorante. Eu tenho amizade com a torcida do São Paulo que é a Independente, do Corinthians que é a Gaviões e outros tipos de facções. O Vitória da Bahia, o Ponte Preta, várias torcidas. Agora, aqui no Rio, nenhuma. Graças a Deus, somos nós e nós. Somos nós e Deus”.

Internamente, alguns componentes mantêm relações com outras torcidas rubro-negras, especialmente a Raça; contudo isto não pode ser generalizado, já que as

divergências entre eles, principalmente na relação com o clube, não são raras em virtude de se considerarem mais críticos e menos complacentes:

“Você quer saber se tem confronto entre nós mesmos? Não, têm umas divergências, outros ideais... Eles são muito benevolentes com a Diretoria e, na maioria das vezes, nós não somos, aí há essas divergências. Eles apoiam coisas que nós não apoiamos. Inclusive a Raça, eles têm o apoio maior do povão que a Torcida Jovem. Normalmente quem fica na Torcida Jovem é Torcida Jovem mesmo, é integrante. (...) Na Raça já não é assim, já fica mais o povão”.

“Dentro do clube nós nos damos com a Raça, com a Falange, com a FlaPonte, com a Dragões. Nós temos amizade entre a gente, pelo menos nós. Eu estou respondendo por nós, pela gente há amizade. Agora se eles gostam da gente eu não sei, isso aí eles é que têm que responder”.

De qualquer modo, isto não impede a união temporária destas torcidas, dando uma trégua em suas diferenças quando se defrontam com seus adversários, especialmente em jogos fora do estado.

Por oposição, o relacionamento entre torcidas inimigas é sempre marcado pela tensão. A rivalidade expressa uma divergência e o encontro é sempre a possibilidade de confronto. Não há entendimento ou acordo. Qualquer descuido, do ponto de vista do policiamento, pode significar enfrentamento. As áreas de acesso ao estádio, bem como as internas necessitam de vigilância ostensiva.

Se existem solidariedades simbólicas entre torcidas amigas, no sentido de que se espera respeito, apoio, diálogo mais aberto, contatos estreitos ou simplesmente o não-confronto, entre as rivais é o inverso que se dá. Aqui, observa-se uma espécie de reciprocidade negativa em que se retribuem provocações, invasões, enfrentamentos, roubos e, algumas vezes, mortes. Ao responder ao dano, paga-se na mesma “moeda”, restaura-se a

honra dando continuidade ao circuito de rivalidades recíprocas¹⁶. Este faz lembrar Marcel Mauss (1974), em sua análise sobre o dom, quando destaca o caráter obrigatório da retribuição dos presentes.

De acordo com esse autor “a circulação de bens segue a dos homens, das mulheres e das crianças, dos banquetes, dos ritos, das cerimônias e das danças, e até mesmo a das pilhérias e injúrias. No fundo ela é uma só. Se se dão e se retribuem coisas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” - dizemos ainda “gentilezas”. Mas é também porque o doador se dá ao dar, e, se ele se dá, é porque ele se “deve”- ele e seu bem - aos outros” (p.129). Entre as torcidas, é possível perceber a existência de dois circuitos; entre as amigas prevalece a retribuição de “respeitos” - em que o não cumprimento pode levar à quebra da aliança - , enquanto entre rivais, é imperativo retribuir as “injúrias” - o “troco”, na fala torcedora - sob pena de humilhação e perda da honra.

A briga: o lado perigoso da paixão

A visão catastrófica que alerta para o crescente aumento da violência entre torcidas organizadas - predominante na imprensa escrita - , não é compartilhada pelos entrevistados. Muito embora admitam que a briga é sempre uma possibilidade para o torcedor organizado e que os enfrentamentos com resultados trágicos não são raros, eles discordam desta interpretação especialmente anunciada na mídia, por ocasião do evento no Pacaembu, quando se afirmava que a violência atingia níveis nunca vistos.

¹⁶ A idéia de um circuito de reciprocidade negativa me foi sugerida a partir da leitura do trabalho de Cechetto (1997:111) acerca do *funk* carioca quando observa que a retribuição do dano restitui a honra, “e assim recomeça o ciclo das rivalidades sem fim”.

“A violência, sempre houve, principalmente no futebol, agora o fato de falarem que hoje em dia está mais violento nos estádios, acho que isso em parte é um reflexo da própria violência que a gente está vivendo no dia a dia. Desde a época em que eu entrei em torcida, eu lembro que era bem violento. Esse negócio do Pacaembu aconteceu agora porque foi dada a oportunidade para que acontecesse. Se não tivesse pau, pedra fatalmente seria mais uma briga de torcida fora do estádio que a imprensa não ia veicular porque não viu, não foi dentro do estádio. Mas a violência sempre existiu. Não tem muito tempo jogaram aquele coquetel molotov num ônibus do Flamengo lá em Queluz; tacaram uma banca de jornal lá em São Paulo num ônibus do Flamengo, a torcida do Palmeiras tacou a banca de jornal de cima do viaduto. Eu não acredito também que cara de crime organizado está infiltrado na torcida. Se ele é torcedor e é bandido, ele vai torcer e ser bandido; se ele puder dar um tiro quando estiver no Maracanã, ele vai dar. Agora, ele usar a torcida....eu não acho que seja por aí não, baile funk também não. Realmente tem muita figura, entendeu? Tem pessoas que você olha e fala ‘esse aí é mau elemento’. Mas é mau elemento mesmo, não é porque está na torcida. Quer dizer, eu não acho que tenha piorado de um tempo para cá, não são pessoas infiltradas são marginais mesmo, que têm em tudo quanto é lugar, em torcida também, umas têm mais, outras têm menos”

Alguns torcedores não somente registram que a violência sempre existiu como arriscam a dizer que ela já foi mais intensa, recorrente, ou seja, a situação “já foi muito pior”. O período situado entre o final da década de 80 e, especialmente, o início dos anos 90 é apontado como realmente crítico, grave, insustentável¹⁷. Ir ao estádio e transitar em certos locais da cidade era um empreendimento arriscado. O deslocamento em dias de jogos, era meticulosamente planejado. Geralmente, os grupos marcavam um ponto de encontro na região em que moravam, na sede da torcida, ou em um outro local, onde a maior parte dos componentes se reunia partindo juntos por questão de segurança e, para intimidar os adversários em caso de emboscada. Certos lugares já famosos pela concentração de torcedores, como a Praça Saens Pena, recebiam reforço de policiais que escoltavam os organizados até o estádio.

“ Ah....teve uma época que estava saindo muito tiro, no Maracanã não, não estava havendo muita briga, mas nas redondezas, nos bairros, era só tiro, era guerra, muita violência, estava rolando muita violência. Mas agora não, agora até que está mais devagar, está mais calmo” .

¹⁷ Vale dizer que os torcedores não sabem precisar um período definido mas, pelos episódios narrados, foi possível identificar que ele se situa entre 1990 e 1994, quando repetidos embates resultaram em várias mortes (JB, 30/10/94).

O conflito com outras torcidas, isso todo mundo sabe que ocorre, cada cabeça pensa diferente da outra mas hoje está bem menos, o período pior foi de 90 a 93, 92, foi complicado, bastante complicado, tiveram várias confusões...mas hoje já está bem tranqüilo, todo mundo está caindo na consciência, acho que está todo mundo tomando consciência e deixando o amadorismo de lado e criando o profissionalismo, as torcidas têm toda essa estrutura, deixar acabar para ir para o estádio brigar, isso não tem nada a ver” .

“Quase todo o Flamengo e Vasco brigava com eles porque tinha que passar por eles no trem e a sede deles era em Piedade, eles ficavam esperando a gente. Eu já vi um colega meu morrer assim, levou um tiro, “ que foi isso, pedrada, paulada?”, quando levaram para o hospital era uma bala alojada na cabeça, já não dava mais. Eu estava na briga também. Eles renderam o maquinista do trem e entraram, estavam com armas, aí não tem jeito” .

Se houve um tempo em que predominava a filosofia de briga, hoje afirmam que houve uma transformação, “as coisas mudaram, estão melhores”. Não se pense, porém, que as brigas acabaram. A diferença é que hoje, elas não seriam tão frequentes, ou ainda, não teriam as mesmas características do passado. Mesmo assim, certos jogos permanecem como “problemáticos”, exigindo maior organização e controle por parte da polícia. Nesses casos, a briga é sempre algo iminente.

“Agora está mudando. Antigamente era braba a situação. Mas ainda é brabo. Hoje em dia não tem mais aquela rivalidade. Mas existe ainda, se pintar na rede é peixe...dança” .

“Aquilo acabou...porque esse negócio de briga hoje acabou, a filosofia de briga acabou, aquilo acontecia muito antes do campeonato brasileiro de 1995, 1994, se brigava muito. Hoje tem muita briga, briga isolada de componente com componente, mas não tem aquela coisa assim maciça. Isso não existe mais, graças a Deus. Só dava aporrinhção, só dava problema. Você não podia nem andar no meio da rua, era horrível” .

Como se pode notar, os informantes identificam dois momentos distintos com relação a violência: “antigamente” e “hoje”. Que transformações teriam provocado essa alteração que o torcedor sublinha como significativa, a despeito de se posicionar de forma ambígua sobre a briga?

Em alguns casos, os torcedores afirmam que eles próprios mudaram, não são mais os mesmos, isto se evidencia quando dizem “sou um novo homem”, “eu era meio perturbadinho”, ou ainda, “isto foi uma fase da adolescência”.

“Tenho, tenho medo, por mim não, sabe? Eu tenho mais por causa da minha mãe; hoje em dia sou mais um cara de ir para o estádio, ficar na torcida, se vier brigar, vamos brigar, mas se eu procuro hoje em dia, eu não procuro mais não (...).

“Antigamente eu discutia, ia ficando puto, não estou dizendo que eu sou nenhum santinho não...se o cara me aporrinhar muito...há possibilidades. Mas eu sou completamente diferente. Não leva a nada. Você passa tantas dificuldades na vida, tantas coisas, mas é o fanatismo, você pode escrever isso na sua tese. Confusão eu não quero mais, entendeu? Já foi uma parte da minha vida que está apagada. Esse negócio de briga se você pensar bem não leva a nada. Nego perdeu a vida por causa disso. Se você raciocinar bem sobre isso é ridículo, é ridículo você ficar brigando, perder sua vida...”

Na maior parte dos depoimentos, entretanto, as mudanças relacionam-se a certas medidas tomadas pelo poder público, ou seja, pela Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (Suderj) conjuntamente com a Federação de Futebol do Rio de Janeiro (Ferj), além da intervenção mais especializada da PM, com a criação do GEPE - Grupamento Especial de Policiamento em Estádios¹⁸.

A atuação desse grupamento teria sido importante neste processo de controle da violência entre as organizadas. Os líderes foram “fichados” e pressionados a denunciarem

¹⁸ Em virtude de uma série de enfrentamentos entre torcedores no ano de 1994, a Suderj tentou lançar um pacote anti-violência que acabou encontrando resistência entre alguns dirigentes de clubes cariocas devido às medidas propostas:

- ⇒ Fica suspenso o convênio entre a Suderj e Ferj em relação à distribuição de ingressos gratuitos para os clubes nas arquibancadas.
- ⇒ Os ingressos de cortesia passam a ser limitados a 200 por jogo, apenas para as cadeiras especiais e coloridas.
- ⇒ Os torcedores pegos em flagrante por causar tumulto serão detidos no módulo cartorário da polícia, dentro do Maracanã, e será aberto um inquérito. O objetivo é prender os baderneiros.
- ⇒ Os clubes passam a ser responsáveis pelas salas ocupadas pelas torcidas organizadas.
- ⇒ Caso aconteçam arruaças dentro ou fora dos estádios em dias de jogos, os clubes não poderão utilizar o Maracanã por 30 dias.
- ⇒ Em caso de reincidência, a punição aumentará para 60 dias de punição (JB,27/10/94).

os “brigões”. Além disso, teriam intermediado um “pacto de paz” entre as torcidas cariocas em 1994.

A convivência com este grupamento durante os jogos, mas especialmente nas reuniões realizadas previamente para definir o que seria permitido no estádio, além de palestras com a apresentação de vídeos sobre confrontos e morte de torcedores, acabou tendo uma certa eficácia.

“Antigamente tinha um grupamento especial no Maracanã chamado GEPE, um grupamento só de estádio. Então, a gente conhecia todo mundo, então não podia nem brigar. Tu brigava o cara chamava pelo nome, né? (...) Os caras tinham tudo da gente, nossa foto, a gente era fichado, 94, os cabeças era tudo fichado, a gente era convidado a ir ao batalhão, dava o nosso nome.... Começou daí...O GEPE foi um batalhão que acabou com as brigas de torcida organizada.(...) Aí acabou o GEPE. Agora colocam os batalhões para tomar conta, então ninguém se conhece. O cara vem com o cachorro. Os tenentes não, ficavam à paisana lá, no meio da torcida. Rolava até uma amizade, então ficava difícil o cara chegar assim e tu bater na cara do cara. Não tenho nada que reclamar de nenhum deles, foram ótimos, muito bacanas mesmo(...) Agora não, botaram um pessoal lá que Deus me livre e guarde. Olhou de cara feia soltam o cachorro, aí o cachorro sai correndo atrás de você, tu tem que subir pela marquise do Maracanã, uma selvageria terrível” .

“Nós fizemos um pacto, né? As torcidas se uniram, teve uma reunião uma vez, com todas as torcidas. (...). Aí o GEPE forçou a gente a fazer esse pacto, até pelo ambiente que eles criaram dentro do Maracanã com a gente” .

“Antes tinha o GEPE, que era o grupo especial de policiamento de estádio e agora não, chega um cara que sobe o morro, um coronel, major para tomar conta do Maracanã, então o cara usa de agressividade na hora que não é para usar de agressividade. Tudo bem que a polícia tem que ser enérgica em determinados momentos mas não ser agressiva em todos os momentos”.

Existem ainda outros fatores a serem mencionados. A perda das salas ocupadas no Maracanã pelas torcidas¹⁹, a proibição de se concentrarem em dia de jogos em certos

¹⁹ Ao todo eram 23 salas no 3º andar do Maracanã onde as torcidas guardavam repiniques, surdos, cornetas, bandeiras, fogos, entre outros. A ocupação era fruto de concessões antigas que dividiram o espaço de acordo com o tamanho das torcidas. As do Flamengo tinham sete salas, as do Botafogo cinco - mesmo número do Vasco - , e as do Fluminense quatro. As torcidas do América e do Bangu tinham apenas uma sala cada uma.

locais²⁰, o fim das credenciais dadas pelos dirigentes às torcidas e que permitiam o acesso gratuito pelo portão 18 do Maracanã - onde as torcidas se encontravam incitando, ainda mais seus antagonismos - , a decisão de estabelecer acessos por portões diferentes, foram atitudes citadas como importantes, no sentido de reduzir os enfrentamentos. Entretanto, a despeito de todos estes dispositivos, alguns líderes admitiram que determinados jogos, (Vasco e Flamengo, por exemplo) exigem uma forte intervenção policial, do contrário, os embates serão inevitáveis.

De qualquer modo, os entrevistados assinalam uma alteração na conduta desses agrupamentos, especialmente quando comparam as torcidas cariocas com as paulistas. A forma como as coisas se deram no Rio de Janeiro favoreceu um encaminhamento diferente do que ocorreu em São Paulo. Neste estado, após o incidente do Pacaembu, as torcidas foram proibidas de entrarem nos estádios com adereços que as identifiquem, como camisas e bandeiras, por exemplo²¹. A Mancha Verde, do Palmeiras e a Tricolor Independente do São Paulo, envolvidas no confronto, foram extintas²². No Rio de Janeiro, as torcidas organizadas continuam atuando, mesmo após os enfrentamentos observados, especialmente, no ano de 1994. Penso que o Pacaembu foi um evento²³ significativo que

²⁰ Foram enumerados vinte e três locais perigosos no Rio de Janeiro, denominados freqüentemente na imprensa escrita de “praças de guerra” (JB, 30/10/94).

²¹ Entre as medidas propostas para conter a onda de violência nos estádios estão a proibição: do uso de vestimentas, faixas e bandeiras das torcidas organizadas nos Estádios de São Paulo; da venda de bebidas alcoólicas fora dos estádios - dentro, os clubes São Paulo e Palmeiras conseguiram que as fornecedoras se comprometessem a não vendê-las -; da entrada de menores no estádio do Morumbi (Folha de São Paulo, 26/8/95).

²² Mais recentemente, a Gaviões da Fiel, maior torcida corinthiana, também foi colocada na ilegalidade após um ataque realizado ao ônibus que levava a equipe do Corinthians, por um grupo de torcedores desta agremiação, inconformados com mais uma derrota sofrida. Na realidade, elas continuam atuantes, sendo que duas primeiras adotaram novas nomenclaturas: Mancha Alviverde e Independente, respectivamente.

²³ Esta categoria está sendo empregada segundo a perspectiva proposta por Sahlins (1994:15) quando assinala que “um evento não é apenas um acontecimento característico do fenômeno, mesmo que, enquanto fenômeno, ele tenha força e razões próprias, independentes de qualquer sistema simbólico. Um evento transforma-se naquilo que lhe é dado como interpretação. Somente quando apropriado por e, através do esquema cultural, é que adquire uma significância histórica”.

teve algum peso nas mudanças em curso, no sentido de levar os presidentes das torcidas cariocas a buscarem uma negociação pacífica ou, pelo menos, a administrarem melhor suas diferenças para fazer frente às campanhas desencadeadas nos meios de comunicação exigindo a extinção²⁴ de tais torcidas.

Para alguns, as brigas não valem a perda de todo o investimento já feito, pois colocam em risco o patrimônio que hoje possuem. Neste sentido, teria havido, paralelamente às medidas legais e à oposição de alguns dirigentes de clubes ao fim das organizadas, uma mudança na mentalidade dos líderes das torcidas, muitas vezes responsáveis por incitarem desavenças ou se omitirem sobre os acontecimentos envolvendo torcedores. É de se observar que, no início da década de 90, era comum, através da imprensa, prometerem vingar-se e revidar as ações dos adversários. No entanto, alguns presidentes afirmaram que procuram, na medida do possível, manter ainda hoje “pacto de paz” feito em 1994²⁵.

O que, aqui, chama a atenção é a coincidência entre o período que os torcedores identificam como sendo o mais violento e aquele apontado por certos autores (SUSSEKIND, 1996; HELAL, 1997) como crítico para o futebol carioca. Numa retrospectiva percebe-se que os primeiros indícios já estariam presentes nos últimos anos da década de 80, intensificando-se no início dos anos 90, quando se observa a fuga de público

²⁴ Note-se que, o acontecimento no Pacaembu mobilizou não apenas a imprensa paulista como também a carioca que passou a cobrar das autoridades, tanto a solução de antigos casos envolvendo torcedores quanto a própria aplicação das medidas já discutidas em 1994, mas não colocadas em prática. Desencadeou-se, a partir daí, um verdadeiro jogo de acusações que opôs e aproximou diferentes atores e acirrou a polêmica acerca da atuação desses agrupamentos.

²⁵ Quanto às atitudes tomadas em São Paulo para conter a violência, não consideram que elas se mantenham eficazes por muito tempo, pois acreditam que as torcidas encontrarão mecanismos clandestinos para atuarem, tornando mais complicado o controle de suas ações e a identificação dos responsáveis.

dos estádios, a transmissão dos jogos ao vivo pela TV para o Rio de Janeiro - desde o campeonato de 1988 - , e a evasão de grandes jogadores para o mercado europeu²⁶.

O auge dessa crise teria sido o ano de 1992 quando o Maracanã foi fechado para reformas, levando os clássicos para São Januário. A média de público por partida ficou em torno de 1705 pessoas. Todavia, mudanças no regulamento do campeonato carioca²⁷, especialmente a partir de 1994, teriam produzido alguns efeitos, incentivando um comparecimento maior dos espectadores aos jogos. Outro ponto a destacar é a volta dos “craques” que ganha impulso em 1995, quando Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo reforçam suas equipes, tornando esse campeonato o mais disputado dos últimos anos²⁸.

Vale reafirmar que do ponto de vista da violência entre torcidas organizadas, percebe-se duas visões antagônicas: a da mídia que sinaliza para o aumento crescente desta e a dos entrevistados que assinala a sua redução no momento atual, se comparada com o início dos anos 90. Partindo, então, do pressuposto que tal violência não seja causada pelo futebol mas apenas expressa através dele, vale perguntar o que estimularia tais embates?

Na visão de Norbert Elias (1992), a função compensadora da excitação através do jogo aumenta na medida em que em as inclinações para as excitações sérias e ameaçadoras

²⁶ Nesse período, os dirigentes cariocas venderam jogadores para a Europa e para São Paulo. Edmundo e Zinho foram negociados com o Palmeiras, Marcelinho com o Corinthians e Djalminha com o Guarani, entre outros (SUSSEKIND, op.cit.).

²⁷ Entre elas, podem ser citadas: a disputa de um turno final reunindo os quatro melhores classificados, menor número de jogos disputados (78 contra 135 em 1993) e um maior número de clássicos.

²⁸ A partir de 1995, o Flamengo, trouxe Romário, o Fluminense contratou Renato Gaúcho, o Botafogo negociou Túlio e o Vasco, Edmundo. Para alguns autores, é o início da virada no futebol carioca.

diminuem. Isto significa que o esporte²⁹ se constitui numa espécie de antídoto ao excesso de controle e tensão dos indivíduos, fazendo-os liberar moderadamente suas emoções.

Na excitação séria, as pessoas podem perder o autocontrole e tornarem-se uma ameaça, tanto para si próprias como para os outros, ao passo que a *mimética*, não apenas seria despojada de perigo, como pode ter um efeito catártico. Contudo, o autor admite a possibilidade da última forma transformar-se na primeira, suscitando “jatos de descivilização” (ELIAS, op.cit.p.92).

Seguindo as pistas do pensamento de Elias, vale dizer que os informantes sinalizaram a redução da agressão e da violência, como se elas tivessem sofrido uma espécie de processo civilizador³⁰, uma tendência para a diminuição da margem de tolerância às manifestações de violência física. Isto não impede, no entanto, que novos embates se sucedam, ou seja, há sempre a possibilidade de que ocorram “jatos de descivilização”.

Considerações finais

As representações dos torcedores sobre suas práticas têm aspectos comuns mas igualmente diferenças. Se por um lado, dizem que a briga é algo esporádico, uma

²⁹ Segundo Leite Lopes (1995:144-145), diferentemente das explicações universalistas preocupadas em afirmar a existência de esportes em todas as sociedades com base na idéia de que “predisposições psicológicas universais levariam os homens a se divertirem após suas atividades de subsistência”, a contribuição de Norbert Elias vai no sentido de destacar a ruptura representada pelas novas práticas esportivas relacionando-se às “transformações nos comportamentos e nas sensibilidades que caracterizam o processo de civilização”.

³⁰De acordo com Norbert Elias o processo civilizador iniciado nas sociedades européias desde a Idade Média, com o progressivo aumento do autocontrole e da repugnância à violência, refere-se a uma transformação de todo o campo social, da estrutura das funções psicológicas rumo à racionalização das ações e ao controle das emoções, produzindo uma mudança no código de sensibilidade e conduta. No bojo desse processo, o esporte conciliaria duas funções contraditórias: de um lado, o relaxamento do controle exercido sobre os sentimentos, a manifestação de uma excitação agradável e de outro, a manutenção de um conjunto de codificações para manter sob controle as emoções descontroladas

consequência, sempre se referem a ela como possibilidade, recuperando inúmeras situações de violência em seus relatos. Assim, percebe-se tensão e ambigüidade quando tratam desta questão. Mesmo quando afirmam que houve uma época “pior”, não descartam o conflito como possibilidade aberta à conduta do torcedor organizado em momento algum.

As experiências de confrontos são valorizadas por aqueles que acreditam que tais episódios lhes deram mais garra, coragem, amadurecimento. Ter escapado a certas situações, ter perdido amigos, ter participado de certos embates fazem parte da trajetória do torcedor organizado, conferindo-lhe, algumas vezes, prestígio e poder frente aqueles que não viveram estas provas. Isto revela a existência de um “ethos de virilidade” (ZALUAR, 1997) que sugere que esses indivíduos “não temem os danos físicos, que sofrem ou provocam. Ao contrário, estes podem ser usados como um emblema, uma medalha” (CECHETTO, 1997:108) que reafirmam vaidades, honra, poder e fidelidade ao agrupamento.

É nesta perspectiva que a paixão pelo futebol e pela torcida tornam-se, muitas vezes, o lado subterrâneo da experiência torcedora. Isto significa que a paixão pode ser duplamente perigosa. Primeiro porque, se vivida no limite, como atestam vários depoimentos, pode assumir um caráter anti-social, afastando os indivíduos do contexto familiar, amoroso, profissional, escolar (TEIXEIRA, 2000). Segundo porque, o conflito entre as torcidas organizadas pode desencadear situações de risco que incluem tanto a luta física (“a briga na mão”), como o uso de facas (“armas brancas”), armas de fogo, bombas caseiras, morteiros, entre outros, cujos resultados não podem ser previstos. Certas categorias presentes no discurso desses torcedores revelam essa dimensão de perigo: roubo, ataque, invasão, emboscada. Pode-se afirmar assim que, ao integrar estas organizações, os

torcedores conhecem e vivenciam sentimentos nem sempre tolerados pois, o futebol suscita além do prazer e da alegria, a frustração, a raiva e o desejo de vingança³¹.

A conclusão a que se vai chegar é que a briga, não sendo nem definidora, nem exclusiva, é constitutiva do modo de ver e de viver desses agrupamentos, obedecendo a determinadas regras de sociabilidade, ou ainda, a certos padrões de reciprocidade. Por tudo isto, não parece exagero dizer que a briga faz parte do **eidós** - visão de mundo -, e do **ethos** - estilo de vida³², dessas organizações torcedoras.

Deste modo, uma das possibilidades de se entender esta experiência social, se dá a partir da tensão entre duas dimensões, **a filosofia** - categoria nativa - que se refere aos princípios norteadores da ação e que envolve uma concepção sobre o que se faz e a **prática** - o que efetivamente se dá, como se age e refere-se às ações desses indivíduos em torno de projetos coletivos. A **filosofia** inclui, ainda, uma percepção sobre a “briga” que não se limita a uma definição da mesma, mas revela ambigüidades e contradições, exatamente porque articulada a uma prática.

A **prática**, o plano do vivido, é a dimensão em que se observa uma permanente tensão entre a violência simbólica ritualizada nos estádios e a violência física, sendo a passagem de uma esfera à outra difícil de prever. Em suma, o argumento aqui defendido é que ser torcedor de uma torcida jovem implica encarnar certos valores, assumindo regras e formas de agir que conferem um determinado conteúdo e significado à paixão - sentimento que justifica o pertencimento e explicita como se entende a relação com o clube e com a torcida. Esta pode ser encarada como dedicação, doação, sacrifício consistindo, também, na

³¹ Segundo Elias (op.cit.) na realidade o que as pessoas buscam nas atividades miméticas de lazer não é atenuar as tensões mas, pelo contrário, uma forma específica de excitação relacionada com frequência ao medo, à tristeza, ao ódio e a outras emoções geralmente evitadas na vida cotidiana.

³² De acordo com Velho (1987:58) **ethos** refere-se ao estilo de vida, sentimentos, afetos, estética e etiqueta, enquanto **eidós** está ligado à visão de mundo, aos aspectos de padronização dos aspectos cognitivos da personalidade dos indivíduos.

disposição para a luta, representada como uma obrigação moral que remete a representações sobre honra, coragem e poder³³.

Como afirmado em outro texto (TEIXEIRA, *op.cit.*) não se pode deixar de questionar sobre as conseqüências da violência praticada pelos torcedores, não apenas entre eles, mas principalmente sobre terceiros, quase sempre inocentes, alheios às disputas travadas por esses agrupamentos.

Admitindo que este tipo de violência respalda-se na realidade, é preciso estar atento ao que se passa na sociedade que, de algum modo, encontra expressão entre os torcedores organizados. Torna-se crucial, pois, conhecer outras manifestações que acontecem no contexto da metrópole atentando para as insatisfações existentes capazes de revelar certas visões sobre a mesma por parte destes indivíduos. Talvez assim, se possa avançar nestes estudos e compreender porque os mecanismos de controle capazes de garantir a excitação agradável, mas controlada (ELIAS, *op.cit.*), se mostram ineficazes em certos momentos.

³³ Tal visão pode parecer estranha se considerarmos o conflito como anomalia, anomia. Contudo, Weber (1982) já assinalou que as sociedades não são conjuntos harmoniosos, mas feitas tanto de acordos quanto de lutas. Para o autor, “o combate é uma relação social fundamental” que se define pela vontade de cada um dos atores sociais de impor-se ao outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, R e PAIM, E. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In ALVIM, R e GOUVEIA, P (orgs). **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos**. Rio de Janeiro, ContraCapa Livraria, 2000.p.13-33.
- BECKER, H. Marginais e desviantes. In: **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1977.p.53-67.
- CECHETTO, F. As galeras *funk* cariocas: entre o lúdico e o violento. In: Vianna, H.(org) **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.p.95-118.
- DA MATTA, R.. Antropologia do Óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP - Dossiê Futebol**, 22:10-17, 1994.
- _____. Os discursos da violência no Brasil. In: **Conta de mentiroso: sete ensaios de Antropologia Brasileira**. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. Lisboa, Edições 70. Perspectivas do Homem, 1991.
- ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1992.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- FLORES, L.F.B.N. Na zona do Agrião. Algumas mensagens ideológicas do futebol. In: **Universo do Futebol: esporte e sociedade**. Rio de Janeiro, Ed. Pinakothke, 1982.p.43-57.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1978.
- HELAL, R. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997.
- LEITE LOPES, J.S. Esporte, Emoção e Conflito Social. In: **Mana. Estudos de Antropologia Social**. Rio de Janeiro, ed. Relume Dumará, 1995.p.141-166.
- LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro. Ed. Record, 1983.
- MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e Razão da troca nas sociedades arcaicas**. São Paulo, EPU, 1974.p.37-178.
- SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- SOUTO, J. **Os outros lados do Funk carioca**. In: VIANA, H.(org). **Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1997.p.59-94.
- SUSSEKIND, H. **Futebol em dois tempos**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/ Prefeitura, 1996.
- TEIXEIRA, R.da C. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas**. Rio de Janeiro, PPGSA/IFCS/UFRJ, 1998. Dissertação de Mestrado.
- _____. Torcidas jovens: paixão, amizade, aventura. In: ALVIM, R. e GOUVEIA, P. **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos**. Rio de Janeiro, ContraCapa, 2000.p.103-132.
- TOLEDO, L.H.de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, São Paulo, Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- VELHO, G. **Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

- ZALUAR, A. "Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência". In: VIANA, H. (org.) **Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1997.p.17-57.
- WEBER, M. **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Organizador: Gabriel Cohn. São Paulo, Ática, 1982.